

## Um presente para Jacyra

Carlota da Silveira Ferreira

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

FERREIRA, CS. Um presente para Jacyra. In: RIBEIRO, SSC., COSTA, SBB., and CARDOSO, SAM., orgs. *Dos sons às palavras: nas trilas da Língua Portuguesa* [online]. Salvador: EDUFBA, 2009, pp. 9-16. ISBN 978-85-232-1185-1. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

## Um presente para Jacyra

Neste dia 12 de setembro de 2009, a nossa colega, amiga e companheira de tantas décadas, Jacyra Andrade Mota, afasta-se, por força da lei, da sua atividade docente e de outras funções acadêmico-administrativas, exercidas durante 46 anos, sempre em regime de tempo integral e dedicação exclusiva, na Universidade Federal da Bahia (UFBA), inicialmente na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, e, a seguir, no Instituto de Letras, que se tornou uma nova unidade de ensino em consequência da reforma pela qual passou nossa Universidade.

Professora de Língua Portuguesa e pesquisadora no campo da Dialetologia e no da Sociolinguística, Jacyra acumula em seu currículo os títulos de Mestre e Doutor e uma vasta produção de trabalhos científicos que não cabe aqui enumerar. Nunca lhe pesaram quaisquer atividades, porém, estará mais livre e mais leve para dar continuidade ao Projeto Atlas Linguístico do Brasil (Projeto ALiB), com o qual, desde os começos, está comprometida.

Numa justa homenagem, Jacyra recebe de seus colegas, de diferentes universidades, um significativo *presente* que demonstra o respeito e a amizade de todos. Trata-se do livro a ela dedicado *Dos sons às palavras: nas trilhas da língua portuguesa*.

Coube-me a honra de apresentar este livro, porém antes quero ainda falar, um pouco mais, da minha colega-amiga e da sua/nossa história, que muitos, certamente, nem conhecem. Não vou perder a oportunidade de unir o útil ao agradável, ou melhor, o agradável... ao mais agradável ainda.

Olhando Jacyra, o que vemos? Um exemplo de discrição, competência, equilíbrio e praticidade. São qualidades que se superpõem, não há prioridade nesta enumeração. Presença discreta e eficiente em tudo o que faz, e sempre faz tudo muito bem. Competência demonstrada em todas as fases da sua vida: como estudante, como professora, como pesquisadora. Competência e equilíbrio no espaço que ocupa no meio da sua grande e bonita família. Competência e praticidade testadas por quem com Jacyra convive. Diante de uma situação difícil, quando há necessidade de assumir uma posição ditada pela razão ou pela emoção, costuma sempre dizer: “Temos que colocar o coração ao largo”. É uma das suas frases prediletas.

Agrada-me dar uma pincelada no passado, quando este valoriza o presente. No ano de 1962, o Prof. Nelson Rossi, responsável pela cadeira de Língua e Filologia Portuguesa na ainda Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da UFBA, foi convidado a colaborar no projeto da Universidade de Brasília (UnB), afastando-se temporariamente. As atividades de ensino e pesquisa continuariam a ser desenvolvidas por Nadja Maria Cruz de Andrade, então professora assistente, e por mais quatro jovens por ele escolhidas: Dinah Maria Montenegro Isensee (depois Callou) e Carlota da Silveira Ferreira, ou seja, a minha pessoa, que haviam trabalhado desde os primeiros momentos no *Atlas prévio dos falares baianos* (APFB), então em fase final de preparação das cartas linguísticas, e Rosa Virgínia Barreto de Mattos Oliveira (depois Silva) e Vera Lúcia Reis Moreira Sampaio (depois Rollemberg), que dariam continuidade à elaboração da edição crítica de um texto medieval português, o *Livro das aves*. Todas trabalhariam sob a sua responsabilidade de catedrático — como soía acontecer —, tendo, para tanto, assumido ele o compromisso de periodicamente se fazer presente para acompanhar nosso desempenho. E assim transcorreu o ano de 1962. Entretanto, no ano seguinte, portanto há 46 anos, partiram, para trabalhar na nascente e promissora Universidade de Brasília, Nelson Rossi, Nadja, Dinah, Rosa Virgínia, a que se juntou Júlia Conceição Fonseca Santos, e ficaram remanescentes — por decisão pessoal — Vera e Carlota. Preocupação e insegurança apoderaram-se de nós duas, não simplesmente pela grande responsabilidade que nos ameaçava como consequência da partida daqueles colegas, mas também porque apenas um ténue contrato nos prendia à Instituição. E então? Fez-se necessário ampliar nosso grupo. E foram indicados pelo Prof. Nelson Rossi os nomes de Jacyra Andrade Mota e de Suzana Alice Valois Coutinho Marcelino da Silva (depois Cardoso). Ambas consultadas, aceitaram. Porém a sugestão foi apenas oficiosa, pois o Prof. Rossi, tendo-se licenciado da UFBA naquele ano, já não tinha, como catedrático, qualquer poder de decisão. E para a nossa alegria e salvação se juntaram a nós Jacyra e Suzana Alice.

Salvação? Sim, pois foi uma época muito difícil. Durante algum tempo, nada nos era comunicado oficialmente sobre nosso destino... Ora navegávamos num mar de incertezas, sobre *marolas* verdadeiras, ora trilhávamos veredas tortuosas, equilibrando-nos sobre arriscadas *pinguelas* à mercê das marchas e contramarchas engrenadas pelos nobres e respeitáveis catedráticos de então, detentores do saber e do poder, que não acreditavam que tal responsabilidade

pudesse passar às mãos de quatro jovens professoras, todas brotadas e crescidas entre os muros da Faculdade de Filosofia. Infindáveis e secretas reuniões de egrégios colegiados se sucediam, entre paredes e portas herméticas... Nada vazava. Ficar ou não ficar? Era esta a questão. Dias e dias se passaram. Alguns estudantes, levados pelo impulso da juventude e pela confiança em nós depositada, ansiosos e ávidos por saber o que estava sendo definido, chegaram até mesmo a subir no telhado do velho casarão de Nazaré — sem o nosso conhecimento, é claro —, para tentar ouvir o que se decidia em determinada reunião... Tivemos deles imensurável apoio. E vencemos! Vencemos sobretudo pela nossa união, pela nossa fé e perseverança no trabalho, pois rezávamos pelo mesmo evangelho, aquele que acredita na força da justiça...

É hilariante lembrar, hoje, como chegaram os nobres senhores a uma final e sábia decisão. Sim, ficariam as quatro, mas Suzana Alice foi designada “regente” (*ad hoc*), pois, entre os seus numerosos méritos, havia um que nós outras não possuíamos: ela havia chegado do exterior. Suzana vinha de um Leitorado de Português na Universidade de Colônia, Alemanha. Nós, as três “regidas”, “em solene celebração”, a apresentamos com uma batuta que guarda até hoje. Começamos, então, a entoar juntas e com os nossos estudantes uma alegre cantata. A cantata da vitória. É importante dizer que Jacyra trabalhou, com dedicação exclusiva, por volta de dois anos sem remuneração!... E quando esta chegou, não houve qualquer acerto retroativo!

Aí está a gênese de um quarteto que nunca se separou: Carlota-Vera-Jacyra-Suzana (ou, em ordem alfabética, Carlota-Jacyra-Suzana-Vera). Ninguém havia escrito sobre isso com detalhes, penso eu. Aproveitei a oportunidade. E assim já se passaram 46 anos! Como poderíamos esquecer, nesta “apoteótica” saída de Jacyra, a sua “heróica” chegada!?

Algum tempo depois, após o golpe de 64 e de suas graves consequências para a Universidade de Brasília, retornaram à UFBA Nelson Rossi e Nadja Andrade, e passamos a constituir um sexteto responsável pelo ensino/pesquisa da Língua Portuguesa em nossa Universidade. Rosa Virgínia, só em 1973, voltaria a integrar o grupo, grupo que foi recomposto e continuou se ampliando com a participação de excelentes colegas.

Durante muitos anos, sentamos à mesma mesa junto ao nosso mestre Nelson Rossi, que nos fez crescer e amadurecer profissionalmente e demonstrou, com seu talento e abnegação, a importância do trabalho conjunto e par-

tilhado. Ao redor dessa mesa programávamos nossas atividades de ensino — os cursos de Língua Portuguesa, quem iria dar que disciplina a quem e como — e nossas atividades de pesquisa — a elaboração do *Atlas linguístico de Sergipe* (ALS), nossa participação no Projeto de Estudo da Norma Linguística Urbana Culta (Projeto NURC), quando também naquela mesa tomava assento nossa fiel companheira Judith Mendes de Aguiar Freitas, da Faculdade de Educação, pesquisadora do grupo desde os inquéritos iniciais para o *Atlas prévio dos falares baianos*.

Este contato profissional, este aprendizado pleno de espírito solidário favoreceu o crescimento de uma grande amizade que perdura e perdurará sempre, apesar de sucessivas e inevitáveis aposentadorias. Estamos todas, integrantes da “velha” história, já entradas ou entrantes na “melhor idade”!

Em muitas outras mesas me sentei e me sento com Jacyra. Não mais na de trabalho, porém nas de lazer. Saibam que Jacyra é muito festeira! Mas disso não falarei, sou muito discreta, apenas anuncio, pois, afinal, nem só de pão vive o homem... e a mulher... A batidinha de limão, a cerveja geladinha e o peixinho frito de tira-gosto aqui são lembrados e citados apenas para dar ainda mais sabor a esta festa da nossa Jacyra. Parabéns, tudo do melhor para você, querida amiga-irmã.

Vamos agora abrir o seu *presente*.

Integram o livro em homenagem à Profa. Dra. Jacyra Andrade Mota quinze capítulos que estão apresentados em ordem alfabética dos nomes de seus autores.

**ABDELHAK RAZKY** (Universidade Federal do Pará) e **EDINALDO G. DOS SANTOS** (Universidade Federal do Pará) descrevem, em “O perfil geolinguístico da vogal /e/ no Estado do Pará”, a realização variável da vogal média anterior pré-tônica em Belém e em mais cinco localidades que integram a rede de pontos selecionados para o Projeto ALiB, a partir de um *corpus* formado por 1.747 ocorrências da vogal média anterior em estruturas silábicas do tipo CV e CVC. Seu objetivo é linguístico e sociolinguístico, pois observam o comportamento de “fatores linguísticos, sociais e geográficos, envolvidos na análise da variável <e>”.

No estudo “O caminho do rio, o caminho do homem, o caminho das palavras...”, **APARECIDA NEGRI ISQUERDO** (Universidade Federal de Mato Grosso do Sul) analisa o possível trajeto das variantes lexicais *amassa-barro/massa-*

*barro, João-de-barro e pedreiro da floresta*, que ocorrem, como respostas à pergunta que busca apurar o nome da ‘ave que faz a casa com terra, nos postes, nas árvores e até nos cantos da casa’, em localidades dos Estados de Mato Grosso e de Mato Grosso do Sul integrantes da rede de pontos selecionados para o Projeto ALiB.

**ATALIBA T. DE CASTILHO** (Universidade de São Paulo/Universidade Estadual de Campinas), em “Análise multissistêmica das minissentenças”, valoriza preliminarmente o trabalho científico conjunto e refere-se a Nelson Rossi como incentivador desse tipo de trabalho, mencionando o *Atlas linguístico de Sergipe*, o Projeto ALiB, o Projeto NURC. Deste último, muitos estudos já foram gerados, e cita, entre eles, o “Projeto de Gramática do Português Falado”, sob sua coordenação. A seguir, examina uma série de minissentenças do português do tipo: *Negócio fechado! Ei, você aí! Difícil, cara! O voo de Jobim!*, etc., afirma que são dados da língua que não podem ser descartados em sua descrição e apresenta uma tipologia das minissentenças.

Em “A realização do /S/ implosivo no português popular de Salvador”, **DANTE LUCCHESI** (Universidade Federal da Bahia) esclarece: “O universo de observação desta análise é o português semiculto de Salvador conforme definido pelo Projeto de Estudo do Português Popular de Salvador (PEPP) [...]. A base empírica [...] é constituída por 36 entrevistas semi-informais, realizadas entre 1998 e 2000 com indivíduos nascidos e residentes em Salvador, dos sexos masculino e feminino, e distribuídos por três faixas etárias [...]”.

No capítulo “Comportamento variável da fricativa coronal pós-vocálica”, **DERMEVAL DA HORA** (Universidade Federal da Paraíba) e **JULIENE LOPES R. PEDROSA** (Universidade Estadual da Paraíba) preocuparam-se em buscar o maior número de dialetos para estabelecer um amplo panorama do comportamento do /S/ pós-vocálico no português brasileiro. Para tanto, foram consultados trabalhos que analisaram esta variação: no Rio de Janeiro, em Porto Alegre, São Paulo, Recife e Salvador, a partir de dados do Projeto NURC; em três regiões do município de Florianópolis; na cidade de João Pessoa, utilizando materiais do Projeto Variação Linguística do Estado da Paraíba (VALPB).

Todo perfil é bastante maleável, como mostra **DINAH CALLOU** (Universidade Federal do Rio de Janeiro), ao comentar, em “Um perfil da fala carioca”, a variação de diversos fonemas da fala do Rio de Janeiro em confronto com outras cidades do Projeto NURC. Entre outros, os fonemas /s/, /r/, /l/ em coda

silábica. Em um trecho, diz a propósito do /s/: “A realização palatalizada de S em coda, no português do Brasil, o famoso ‘chiado carioca’, se restringia, de início, ao que tudo indica, ao Rio de Janeiro”. Todavia, o alto índice de palatalização, típico dos falantes desta cidade, já se expandiu a Recife e também a Salvador. Destacamos apenas um exemplo, há muito mais dados utilizados neste trabalho para delinear o perfil da fala carioca.

Em “Louise Ey e a descrição da pronúncia portuguesa em manuais de português para alemães em princípios do século XX”, **EBERHARD GÄRTNER** (Universidade de Leipzig) refere-se a Louise Ey como pioneira dos estudos do português na Alemanha e mostra que, para elaborar a descrição da pronúncia do português, ela se baseou na obra do foneticista português Gonçalves Viana. Um confronto entre as duas descrições está minuciosamente apresentada em seu texto.

Assim **ELISABETH REIS TEIXEIRA** (Universidade Federal da Bahia) resume “Um estudo sobre Processos de Simplificação Fonológica na aquisição do português”: “A fim de corroborar os resultados obtidos no Perfil do Desenvolvimento Fonológico em Português (PDFP), as distintas classes de sons que compõem o sistema fonológico do Português (bem como suas possíveis combinações) são examinadas em relação a Processos de Simplificação Fonológica que afetam sua aquisição, em particular Assimilação, Oclusivização, Anteriorização e Ensurdimento. Embora as medidas e os procedimentos analíticos utilizados na Análise Contrastiva e na Análise de Processos sejam diferenciados, os resultados confirmam serem estes processos padrões de simplificação fonológica aquisicionalmente iniciais”.

No capítulo “A neutralização dos fonemas /v, z, ʒ/ no falar de Fortaleza”, de **MARIA DO SOCORRO SILVA DE ARAGÃO** (Universidade Federal do Ceará/ Universidade Federal da Paraíba), encontra-se definido o que se entende por neutralização de fonemas e arquifonema. Diz a autora: “No falar de Fortaleza, em determinados contextos, os fonemas /v, z, ʒ/, classificados como fricativos sonoros, neutralizam-se com o fonema vibrante múltiplo /r/, em sua variante aspirada [h], marca da realização desse fonema na região nordestina”. Examinam-se dados do Projeto Dialeto Sociais Cearenses (18 entrevistas) e de inquéritos do *corpus* experimental do Atlas Lingüístico do Brasil aplicados no Estado do Ceará.

*Li fet des romains* é obra francesa do século XIII que foi traduzida para o português durante a primeira metade do século XV com o nome de *Vida e feitos de Júlio César*. **MARIA HELENA MIRA MATEUS** (Universidade de Lisboa) publicou, há vários anos, uma edição crítica desta tradução e, como ela própria destaca, o manuscrito português, de mais de 500 anos, trouxe a conhecimento muitos dados sobre os interesses culturais da época e muitos outros da língua portuguesa do século XV, tanto do léxico quanto do sistema fonológico. Muitos destes dados ela aborda em “A propósito da tradução medieval portuguesa de *Li fet des romains*”.

O texto “‘*Ami i jidiu di kaneta.*’ Félix Sigá, trovador guineense do quotidiano”, de **MOEMA PARENTE AUGEL** (Universidade de Bielefeld) neste livro de Jacyra, funcionou, pelo menos para mim, como um “oásis relaxante”. É muito bonito como ela escreve e como ela analisa as várias facetas de Félix Sigá e alguns dos textos deste poeta nascido a 16 de maio de 1954, em Bissorã, Guiné-Bissau. Antonio Félix Sigá é “um trovador diferente dos demais, sem um instrumento musical para dedilhar seus versos, utilizando, em vez disso, o papel e a caneta [...]”, que se autodefine como um “escultor de palavras”, um “cinzelador do papel”.

Em “Jogos e diversões infantis: preferências linguísticas e variáveis sociais”, **SILVANA SOARES COSTA RIBEIRO** (Universidade Federal da Bahia), utilizando dados do Projeto ALiB já recolhidos, examina as denominações registradas em nove capitais do Nordeste brasileiro para diversos brinquedos e brincadeiras infantis (cambalhota, gude, baladeira, pipa, esconde-esconde, cabra-cega, pega-pega, mancha, chicote-queimado, gangorra, balanço e amarelinha), descrevendo a variação lexical e considerando os usos conforme as variáveis sociais selecionadas.

**SUZANA ALICE MARCELINO CARDOSO** (Universidade Federal da Bahia) e **VERA ROLLEMBERG** (Universidade Federal da Bahia), sob o título “E a (nossa) terra continua *sarolha?*”, retomam a sua reflexão sobre *sarolho(a)*, documentada no *Atlas prévio dos falares baianos* e no *Atlas linguístico de Sergipe*, para reuni-la ao que trazem de novidade os dados documentados no segmento da rede de pontos selecionados para o Projeto ALiB constante dos estados que se limitam com a Bahia, e concluem que a terra continua “Não tão *sarolha*, como dantes, pode-se afirmar, mas... um pouco!”.



A partir das respostas à pergunta “Como se chama a abertura da calça do homem, normalmente fechada com botões ou zíper?”, recolhidas a duzentos informantes em vinte e cinco capitais do Brasil (Projeto ALiB), **VANDERCI DE ANDRADE AGUILERA** (Universidade Estadual de Londrina) elabora o texto “*Braguilha* ou *barguia*: eis a questão” com duas abordagens: uma lexical tratando das variantes reunidas e sua lexicalização em dicionários; a outra examinando a variação fônica da base lexical *braguilha*, variante majoritária nos dados reunidos.

Em “O mito da origem portuguesa do chiamento carioca”, assim escreve **VOLKER NOLL** (Universidade de Münster): “A palatização do /s/ implosivo [ʃ] (*chiamento*) iniciou-se no português europeu, provavelmente no final do século XVII em ‘grande área do Sul’”, segundo Serafim da Silva Neto. E, mais adiante, sobre a fala carioca: [...] como o português europeu, possui um chiamento generalizado, ou seja, tanto em situação pré-consonantal quanto em final de palavra”. Como o autor discute o que considera um “mito”? Convido à leitura do seu texto bem interessante.

Finalizam esta homenagem três depoimentos, apresentados por ordem de antiguidade de seus autores. O primeiro é o de **ROSA VIRGÍNIA MATTOS E SILVA** (Universidade Federal da Bahia), “Jacyra, simplesmente Jacyra”; o segundo é o de **SÔNIA BASTOS BORBA COSTA** (Universidade Federal da Bahia), “Presença”; e o terceiro é o de **JOSANE MOREIRA DE OLIVEIRA** (Universidade Estadual de Feira de Santana), “Um tributo à generosidade: Jacyra é uma figura!”. Escritos com estilos bem diferentes, demonstram a intimidade que têm com a nossa homenageada e a amizade que a ela dedicam.

Abrimos o *presente* de Jacyra, mas ela não o fechará, estará sempre aberto aos seus leitores.

Salvador, julho de 2009.

*Carlota da Silveira Ferreira*

Publicam-se ainda “Tecendo a manhã”, de **IRACEMA LUIZA DE SOUZA** (Universidade Federal da Bahia), e “Jacyra, uma cientista de coração aberto”, de **VANDERCI DE ANDRADE AGUILERA** (Universidade Estadual de Londrina), depoimentos apresentados na sessão de homenagem a Jacyra Andrade Mota, durante o encerramento do VII Workshop do Projeto ALiB, em 31.07.2009, em Salvador-BA, novas demonstrações de amizade e apreço a ela dirigidas naquele momento.

*As organizadoras*